

6. Morfologia

O conhecimento de diversas características físicas dos indivíduos pode ser extrapolado a partir da análise dos seus restos esqueletizados. O estudo morfológico dos membros de uma comunidade permite efectuar comparações entre diferentes populações, podendo ser utilizado para inferir a distância biológica entre grupos populacionais (Crubézy, 1992; Ubelaker, 1989).

A análise morfológica do esqueleto humano compreende o estudo dos caracteres métricos e dos não métricos.

6.1. Caracteres métricos

A osteometria tem como objectivo caracterizar e descrever quantitativamente as dimensões e a forma do esqueleto. Diversos investigadores com o intuito de obterem e poderem comparar diferentes populações, criaram um conjunto de medidas e valores estandardizados para caracterizar a morfologia dos indivíduos independentemente do observador (Olivier e Demoulin, 1984). Informações adicionais podem ser fornecidas com base no estudo métrico dos ossos tais como a estimativa do sexo e a determinação da estatura.

Os índices de uma dimensão relativamente a outra traduzem as proporções, isto é, a forma, enquanto que os valores absolutos das dimensões avaliam o formato. Um factor limitativo na utilização dos índices deriva do facto de serem influenciados pela variação dos seus constituintes, com a impossibilidade de se determinar qual é o que varia, conduzindo à perda de informação. Além disto, estes estão frequentemente correlacionados entre eles o que torna a interpretação mais difícil.

As informações osteométricas do esqueleto craniano e pós-craniano de um dado grupo de indivíduos são analisadas, entre outras, para compreender as afinidades ou as diferenças morfológicas entre populações. Diferentes grupos de uma mesma população podem ser reconhecidos por certas características métricas tais como o formato do crânio e a estatura (Herrmann et al., 1990; Mays, 1998). As variações populacionais da morfologia do esqueleto são o resultado de diferenças genéticas e ambientais entre os grupos humanos. Por outro lado as diáfises dos ossos longos são sensíveis aos estímulos de natureza mecânica. O osso apresenta uma grande plasticidade, especialmente no que concerne à habilidade para ajustar o tamanho e a forma em resposta a forças externas, providenciando informações sobre o tipo de resistência mecânica e padrões de actividade (Larsen, 1997).

6.1.1. Metodologia

No estudo morfológico dos indivíduos exumados nas grutas do Poço Velho foram utilizados os pontos osteométricos e as medidas estandardizadas por Martin e Saller (1957), sendo representadas por M seguidas do seu respectivo número. Por convenção as medidas foram tiradas em milímetros (Olivier e Demoulin, 1984). A selecção das medidas e índices do esqueleto craniano e pós-craniano teve em consideração o estado de preservação dos ossos.

Os dados osteométricos são aqui analisados para compreender as afinidades e/ou diferenças entre diferentes grupos populacionais e para obter dados sobre os padrões de actividades dos indivíduos exumados nestas grutas. Tentou-se, sempre que possível, comparar os resultados obtidos com os de outras séries neolíticas/calcolíticas portuguesas¹.

6.1.2. Resultados e discussão

6.1.2.1. Esqueleto craniano

O comprimento máximo do crânio foi estimado em dez crânios, apresentando uma variação entre os 181-200 mm. A sua distribuição por classes (de acordo com a classificação de Alexeyev-Debetz, *apud* Olivier e Demoulin, 1984) mostra que na série analisada estão representados crânios compridos (70,0%) e muito compridos (30,0%), não se tendo registado crânios muito curtos, curtos e médios. Se considerarmos outros sítios arqueológicos do Neolítico/Calcolítico podemos constatar (Fig. 17) que predomina o tipo longo, existindo poucos crânios muito curtos e curtos (Bubner, 1979, 1986; Corrêa e Teixeira, 1949; Cunha e Neto, 1958; Isidoro, 1964; Silva, 1993).

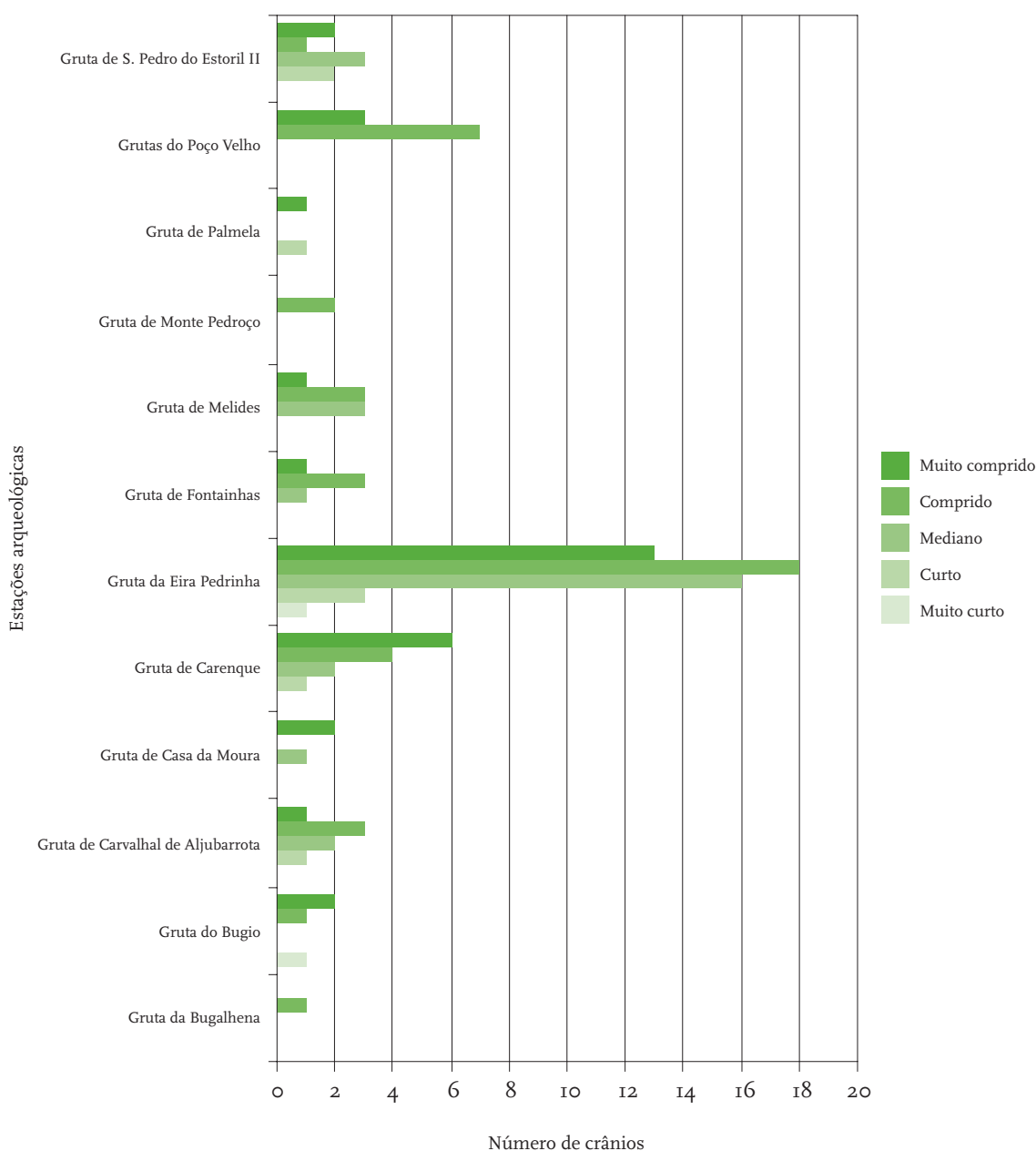


FIG. 17 – Distribuição dos crânios de diversos sítios neolíticos e calcolíticos de acordo com o seu comprimento máximo.

Foi possível calcular a largura máxima do crânio em oito exemplares, apresentando um intervalo de variação entre os 133-147 mm. A distribuição dos crânios por classes foi a seguinte: estreitos (37,50%), medianos (50,0%) e largos (12,50%). Não foram observados crânios muito estreitos e muito largos. Após uma comparação de diversos estudos sobre grupos populacionais de outras estações arqueológicas neolíticas/calcolíticas, verificou-se (Fig. 18) que predomina o tipo mediano, existindo poucos crânios muito estreitos e muito largos (Bubner, 1979, 1986; Isidoro, 1964; Corrêa e Teixeira, 1949; Silva, 1993; Cunha e Neto, 1958).

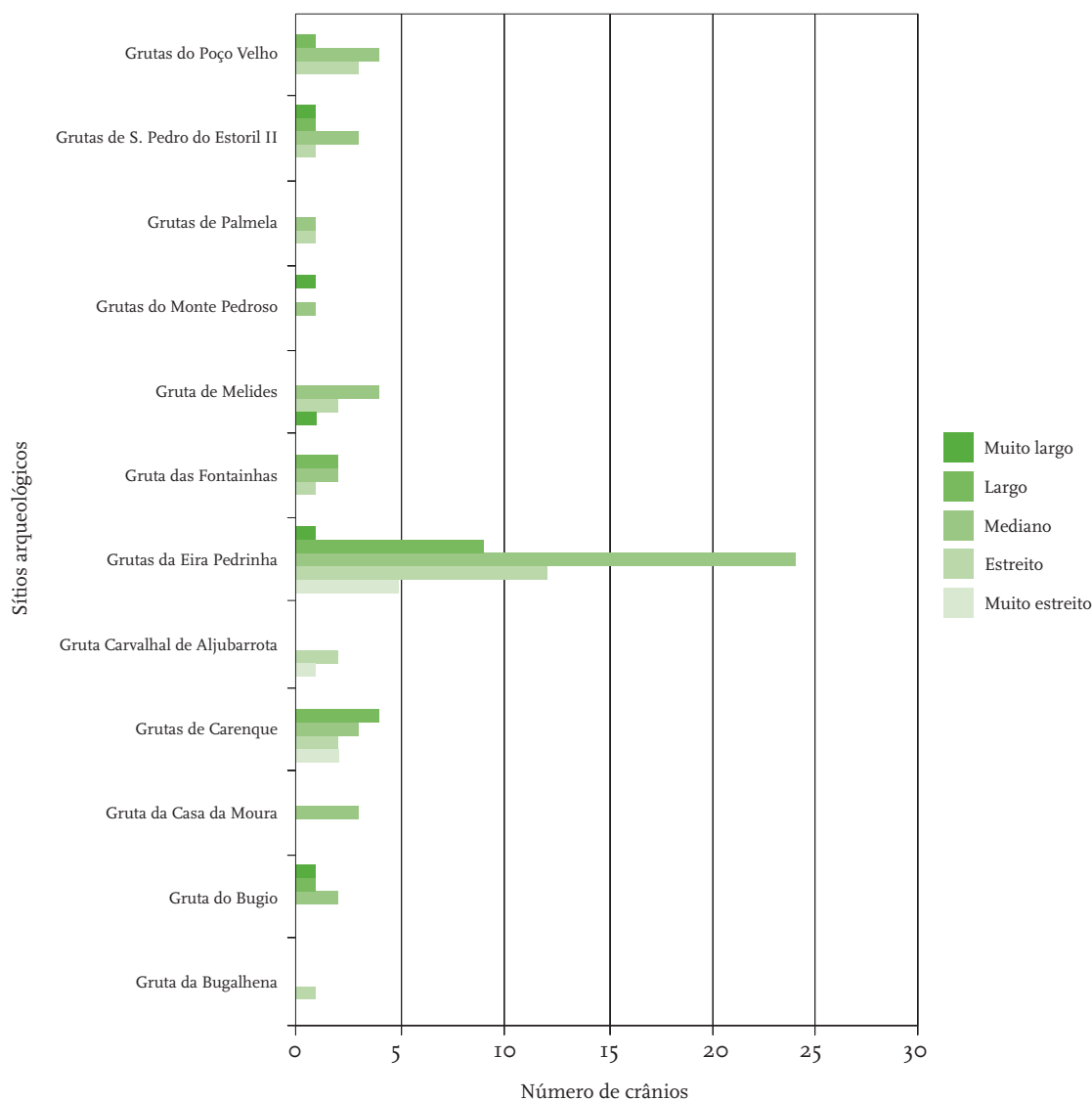


FIG. 18 – Distribuição dos crânios de diversos sítios neolíticos e calcolíticos de acordo com a sua largura máxima.

O índice craniano horizontal traduz a relação entre a largura máxima e o comprimento possibilitando estimar o formato do crânio. Este foi determinado em oito peças, com valores que variam entre os 71,00 e 77,37, sendo a sua média de 73,95. Registaram-se cinco crânios doliocéfalos e três mesocéfalos. A análise da Fig. 19 permite concluir que o índice craniano horizontal predominante nos vários sítios neolíticos/calcolíticos é o mesocrânio (Bubner, 1979, 1986; Isidoro, 1964; Corrêa e Teixeira, 1949; Silva, 1993; Cunha e Neto, 1958).

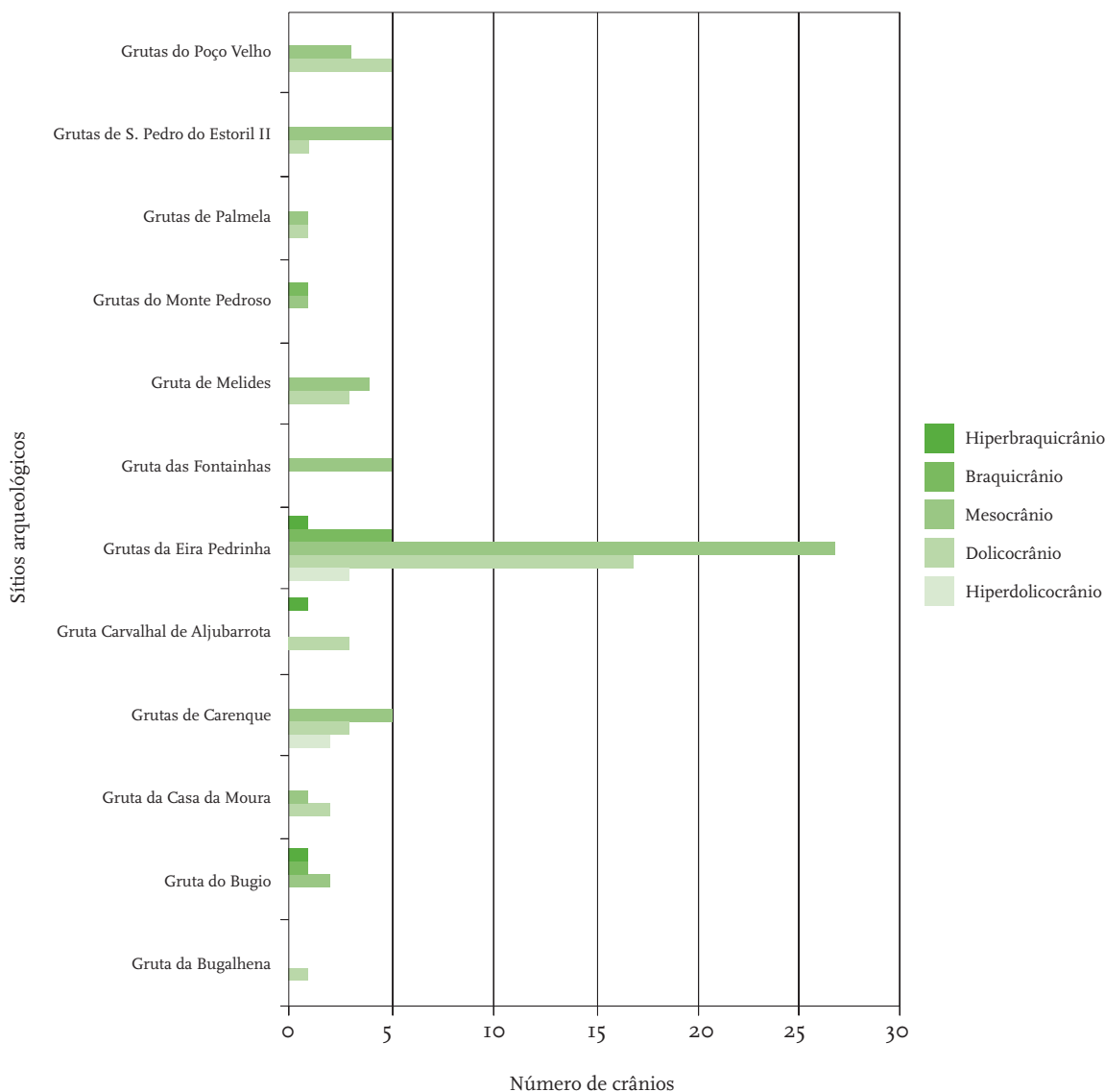


FIG. 19 – Distribuição dos crânios de diversos sítios neolíticos e calcolíticos de acordo com o seu índice craniano horizontal.

Paula e Oliveira (1888: 4), aquando da sua investigação sobre os crânios do Museu do Instituto Geológico e Mineiro, concluiu que nos do Poço Velho não se encontrava o tipo braquicrânio. Caracterizou-os como dolioscrânios ou, mais raramente, hiperdolioscrânios, volumosos e com um frontal largo. As faces são largas e prognatas e as órbitas quadrangulares. O seu tipo é muito uniforme: as diferenças que apresentam entre eles podem ser consideradas como simples variações individuais.

Os resultados que apresentámos põem em causa algumas das medidas e índices apresentados por Paula e Oliveira (1888) e por Riquet (1972). Quando se efectuou a comparação entre os nossos valores e os de Riquet (1972) as diferenças observadas não foram muito significativas, mas em alguns casos foram suficientes para classificar o crânio noutra categoria. Os dados da diagnose sexual para o crânio 233.2819 e o 233.2824 também não foram concordantes entre o nosso estudo e o de Riquet (1972). Relativamente ao crânio 233.2817 Paula e Oliveira (1888) atribuiu-o a um indivíduo do sexo masculino, enquanto que a nossa análise e a de Riquet (1972) definiram-no como pertencente a um indivíduo do sexo feminino. Todavia, deve ter-se em consideração que podem ocorrer pequenos erros nas medições entre observadores.

Na análise métrica do crânio são apresentados apenas os resultados do comprimento máximo, da largura máxima e do índice craniano horizontal, pois foram os adotados pela maioria dos investigadores, permitindo-nos realizar comparações com outras populações coevas. As outras medidas e índices foram efectuadas e podem ser analisadas no anexo.

6.1.2.2. Esqueleto pós-craniano

Estimaram-se a robustez e o achatamento de três tipos de ossos longos, o fémur, a tibia e o úmero. Os resultados podem ser analisados na Tabela 9.

TABELA 9

Índices estimados para os ossos do esqueleto apendicular superior e inferior.

| Osso | Índice | Lateralidade | Sexo | N | Classificação | | |
|----------|---------------------------|---------------------------|------------------------------|---------------------------|---------------------------|----------------------------|------------------------------|
| Fémur | Robustez | Direito | Masculino | 1 | Robustez média (20,13) | | |
| | | | Pilástrico | Direito | Masculino | 1 | Pilastro médio (114,60) |
| | | | Platimeria | Direito | Feminino | 5 | Platimérico (média=78,81) |
| | 2 | Eurimérico (média=89,13) | | | | | |
| | | | Masculino | 3 | Platimérico (média=80,26) | | |
| | | | | 1 | Eurimérico (96,78) | | |
| | | | Indeterminado | 2 | Platimérico (média=77,92) | | |
| | | | | Esquerdo | Masculino | 1 | Platimérico (82,12) |
| | 1 | Eurimérico (87,24) | | | | | |
| | 10 | Platimérico (média=77,00) | | | | | |
| | | | | 13 | Eurimérico (média=89,40) | | |
| | | | | Tibia | Robustez | Direito | Feminino |
| | Esquerdo | Feminino | 2 | | | | Robustez média (média=19,92) |
| 3 | | | Robustez média (média=20,85) | | | | |
| Cnémico | Direito | Feminino | 1 | | Plactinémico (59,70) | | |
| | | | 2 | | Mesocnémico (média=67,77) | | |
| | | | 3 | | Euricnémico (média=73,77) | | |
| | | Masculino | 1 | | Plactinémico (58,50) | | |
| | | | 1 | | Mesocnémico (63,68) | | |
| | | | 1 | | Euricnémico (73,43) | | |
| | | | Indeterminado | | | 2 | Mesocnémico (média=66,90) |
| Esquerdo | Feminino | 5 | | | | Mesocnémico (média=67,66) | |
| | | 5 | Euricnémico (média=73,55) | | | | |
| | | Masculino | Feminino | | 5 | Plactinémico (média=60,63) | |
| 7 | Mesocnémico (média=67,66) | | | | | | |
| 3 | Euricnémico (média=74,20) | | | | | | |
| | | Indeterminado | 1 | Mesocnémico (média=64,22) | | | |
| | | | 1 | Euricnémico (71,69) | | | |
| Úmero | Robustez | Direito | Feminino | 1 | Robustez média (19,2) | | |
| | | | Esquerdo | Masculino | 1 | Grácil (17,3) | |
| | | | | | 1 | Robustez média (20,2) | |
| | Achatamento | Direito | Feminino | 1 | Euribráquio (93,72) | | |
| | | | | Esquerdo | Masculino | 1 | Euribráquio (84,02) |
| | | | | | | 1 | Euribráquio (97,48) |
| | | | | | | 1 | Euribráquio (97,48) |

Para o úmero determinaram-se a robustez e o achatamento de dois ossos: um feminino, caracterizado por uma robustez média e uma diáfise arredondada e outro masculino, grácil de diáfise arredondada.

O estudo métrico do fémur foi bastante limitado já que devido à fragmentação deste osso há apenas um completo. A análise do grau de achatamento subtrancanterior foi efectuada em 38 fémures. O valor médio obtido de 83,35 indica-nos uma tendência para a platimeria, embora muito próxima da eurimeria.

Confrontando os nossos resultados com os de Silva (1993) para São Pedro do Estoril II, Cunha e Neto (1956) para a gruta da Eira Pedrinha e Isidoro (1964) para a gruta do Bugio, constatou-se que a platimeria é comum nos indivíduos do Neolítico/Calcolítico.

Na análise métrica da tibia examinaram-se a robustez e o achatamento (cnemia) deste osso. O índice de robustez foi calculado em seis tibias apresentando uma robustez média. Relativamente ao índice cnémico foi estimado em 38 ossos e o valor médio obtido foi de 67,94, ou seja, uma tendência para a mesocnemia como também foi referido por Sueiro e Fernandes (1938) no estudo sobre restos ósseos humanos do Museu do Instituto Geológico e Mineiro, que inclui as grutas do Poço Velho e outras populações coevas.

Quando se comparou a média obtida com as de outras estações arqueológicas neolíticas/calcolíticas portuguesas, verificámos que só os indivíduos da gruta do Bugio (Isidoro, 1964) tendiam para a euricnemia (75,7). Os valores médios para as tibias de S. Pedro do Estoril é de 66,3 (Silva, 1993) e para as da Eira Pedrinha é de 68,0 (Cunha e Neto, 1956).

Sueiro e Fernandes (1938) calcularam o índice cnémico das tibias das Coleções dos Serviços Geológicos de Portugal, inclusive dos indivíduos do Poço Velho, não tendo, no entanto, efectuado a estimativa sexual das 30 tibias observadas. Concluíram que a mesocnemia era frequente nas tibias de adultos das estações neolíticas/calcolíticas analisadas. Esta não é muito acentuada visto que a média (65,39 para as tibias direitas e 65,31 para as esquerdas) encontra-se compreendida na amplitude da mesocnemia ou pouco excede o limite que separa a mesocnemia da euricnemia. É importante frisar que estes resultados são obtidos a partir do estudo métrico de tibias de vários sítios arqueológicos e não apenas das grutas do Poço Velho.

O achatamento do fémur e da tibia encontra-se relacionado com o tipo e a intensidade de resistência mecânica e não com factores nutritivos ou a acção de grupos específicos de músculos (Larsen, 1997; Ruff, 2000). Os fémures dos indivíduos adultos do Poço Velho tendem para a platimeria embora com valores médios que se aproximam da eurimeria. Algumas hipóteses têm sido sugeridas para explicar a platimeria, considerando a maioria dos investigadores que seja uma consequência do desenvolvimento das áreas de inserção do músculo quadrúcpite crural resultante do seu uso intensivo durante a marcha (Larsen, 1997; Ruff, 2000). Relativamente às tibias estas evidenciam uma tendência para a mesocnemia, o que pode indicar que a resistência mecânica sobre este osso é moderada.

Aquando da transição das comunidades de caçadores-recolectores para as de agricultores verificou-se o declínio da intensidade da resistência mecânica, o que poderá ter conduzido a uma diminuição da robustez e do achatamento dos ossos (Larsen, 1997). Daqui se conclui que a análise métrica dos ossos longos permite uma aproximação biomecânica para o estudo da actividade física e das alterações comportamentais, constituindo uma importante perspectiva para a compreensão das alterações adaptativas dos nossos ancestrais (Larsen, 1997; Ruff, 2000).

6.2. Estatura

A estatura constitui um outro elemento morfológico que pode ser estimada a partir da análise métrica dos restos ósseos.

O *status* socio-económico dos indivíduos pode ser extrapolado a partir da estimativa da estatura tendo sido sugerido que normalmente os membros das classes mais favorecidas são

mais altos do que os das classes mais baixas (Boldsen, 1990, *apud* Cunha, 1994). É também considerado um indicador de saúde e de nutrição já que uma estatura reduzida pode apontar para uma nutrição deficiente ou uma saúde fraca (Larsen, 1997; Roberts e Manchester, 1995). Como é controlada por factores ambientais, alimentares e de saúde (Thillaud, 1996) é fácil deduzir que um desequilíbrio dos mesmos poderá interferir na estatura do organismo.

As metodologias utilizadas para o seu cálculo baseiam-se na correlação existente entre o comprimento total do corpo e o comprimento dos ossos do esqueleto apendicular. Números estudos comprovaram que os ossos dos membros inferiores apresentavam dimensões que estão mais correlacionadas com a estatura do que os ossos dos membros superiores (Brothwell, 1981; Olivier e Tissier, 1975). Os comprimentos dos ossos dos membros superiores são utilizados quando não se possui qualquer osso do membro inferior ou quando se lida com ossos desarticulados (Olivier e Tissier, 1975). As estaturas calculadas são sempre estimativas associadas a um intervalo de confiança.

6.2.1. Metodologia

Na estimativa da estatura a partir do fémur e do úmero utilizaram-se as metodologias desenvolvidas por Mendonça (2000). Para os restantes ossos longos foi empregue o método de Olivier et al. (1978). No que respeita aos ossos dos pés foram aplicadas a metodologia de Holland (1991) para o calcâneo e o *talus* tendo-se separado os ossos de acordo com a sua lateralidade e sexo, e a de Byers et al. (1989) para os metatarsianos da qual se seleccionou a função discriminante para sexos combinados.

6.2.2. Resultados e discussão

Nas Tabelas 10, 11 e 12 apresentam-se os resultados da estatura a partir dos ossos longos, *talus* e calcâneo e metatarsianos.

TABELA 10

Resultados da determinação da estatura a partir dos ossos longos dos indivíduos adultos.

| Osso | Estatura |
|------------------------------------|---|
| Úmero esquerdo masculino 233.1355 | 165,32 ± 8,44 cm |
| Úmero esquerdo feminino 233.1360 | 138,43 ± 7,70 cm |
| Rádio direito masculino 233.1751 | 171 ± 8,25 cm |
| Rádio esquerdo 233.1822 | 159,59 ± 6,91 cm (se feminino) 157,44 ± 7,91 cm (se masculino) |
| Cúbito direito 233.1578 | 163,72 ± 8,76 cm (se masculino) |
| Cúbito direito 233.1588 | 161,01 ± 8,76 cm (se masculino) |
| Fémur masculino 233.2135 | 166,19 ± 6,96 cm (comprimento máximo) 166,22 ± 6,90 cm (comprimento fisiológico) |
| Tíbia esquerda feminina Cascais 4 | 160,00 ± 7,54 cm |
| Tíbia esquerda feminina Cascais 6 | 150,00 ± 7,54 cm |
| Tíbia esquerda feminina Cascais 10 | 160,44 ± 7,54 cm |
| Tíbia esquerda masculina 233.981 | 160,92 ± 6,76 cm |
| Tíbia esquerda masculina 233.1983 | 154,90 ± 6,76 cm |
| Tíbia esquerda masculina 233.1984 | 154,38 ± 6,76 cm |

TABELA 11

Resultados do cálculo da estatura a partir do *talus* e do calcâneo.

| Osso | Lateralidade | Sexo | N | Média | Valor mínimo | Valor máximo | Desvio padrão |
|--------------|--------------|-----------|----|--------|--------------|--------------|---------------|
| <i>Talus</i> | Direito | Feminino | 30 | 157,67 | 151,17 | 162,30 | 2,9023 |
| | Esquerdo | Feminino | 24 | 157,82 | 152,78 | 164,29 | 2,5786 |
| | Direito | Masculino | 30 | 169,88 | 164,31 | 177,06 | 3,2612 |
| | Esquerdo | Masculino | 21 | 170,38 | 165,78 | 176,54 | 2,7688 |
| Calcâneo | Direito | Feminino | 22 | 153,76 | 139,09 | 163,14 | 5,6948 |
| | Esquerdo | Feminino | 16 | 155,83 | 149,49 | 160,45 | 4,0467 |
| | Direito | Masculino | 23 | 169,36 | 164,91 | 174,41 | 2,2703 |
| | Esquerdo | Masculino | 22 | 170,17 | 166,92 | 173,43 | 1,8176 |

TABELA 12

Resultados da estimativa da estatura a partir dos metatarsianos, sexos combinados.

| Osso | Lateralidade | N | Média | Valor mínimo | Valor máximo | Desvio padrão |
|---|--------------|----|--------|--------------|--------------|---------------|
| 1.º metatarsiano | Direito | 35 | 159,94 | 147,57 | 171,59 | 6,1150 |
| | Esquerdo | 34 | 159,85 | 143,37 | 170,75 | 6,3728 |
| 2.º metatarsiano | Direito | 14 | 157,62 | 150,58 | 168,54 | 5,9291 |
| | Esquerdo | 22 | 160,20 | 143,75 | 174,97 | 7,7837 |
| 3.º metatarsiano | Direito | 11 | 162,35 | 152,51 | 170,60 | 4,8023 |
| | Esquerdo | 11 | 166,08 | 155,37 | 180,39 | 7,4011 |
| 4.º metatarsiano | Direito | 20 | 159,45 | 149,62 | 176,36 | 7,2906 |
| | Esquerdo | 17 | 160,67 | 152,28 | 171,18 | 5,6923 |
| 5.º metatarsiano (comprimento máximo) | Direito | 13 | 161,83 | 155,90 | 171,78 | 5,4479 |
| | Esquerdo | 18 | 158,11 | 149,89 | 169,34 | 5,2381 |
| 5.º metatarsiano (comprimento fisiológico) | Direito | 16 | 162,18 | 151,11 | 178,16 | 6,5635 |
| | Esquerdo | 18 | 160,35 | 151,70 | 172,13 | 5,3978 |

Analisando os resultados do cálculo da estatura a partir dos ossos longos verifica-se que o indivíduo do sexo feminino mais baixo mediria cerca de 138 cm e o mais alto mediria aproximadamente 160 cm. Para os indivíduos do sexo masculino o de estatura menos elevada teria cerca de 155 cm e o mais alto 171 cm (Tabela 10). Apesar da estimativa da estatura a partir do *talus* e do calcâneo e dos metatarsianos não ser a mais precisa, o método apresenta a vantagem de poder ser aplicado nos ossos de pequenas dimensões que estão melhor preservados. A estatura média feminina obtida a partir do *talus* é de 157,74 cm e do calcâneo é de 154,80 cm. Para os indivíduos do sexo masculino a estatura média a partir do *talus* é de 170,13 cm e do calcâneo é de 169,76 cm (Tabela 11).

Comparando a estatura média de diferentes grupos populacionais do Neolítico/Calcolítico (Bubner, 1979, 1986; Corrêa e Teixeira, 1949; Cunha e Neto, 1958; Isidoro, 1964; Silva, 1993) verificámos que os resultados obtidos são semelhantes aos nossos (Tabela 13), não sendo possível efectuar uma comparação directa porque nos estudos visados não foram aplicadas as mesmas metodologias.

TABELA 12

Resultados da estatura média para os indivíduos de diversas estações arqueológicas do Neolítico/Calcolítico portuguesas.

| Estação arqueológica | Sexo feminino (cm) | Sexo masculino (cm) |
|------------------------|--------------------|---------------------|
| Gruta do Bugio | 158 | 168 |
| Grutas de Carenque | 150 | 155 |
| Grutas do Casal Pardo | 157 | 164 |
| Gruta da Eira Pedrinha | 148 | 158 |
| S. Pedro do Estoril | 155 | 167 |

6.3. Caracteres discretos

Os caracteres discretos que são também designados por traços morfológicos descontínuos (Ossenberg, 1969, *apud* Buikstra e Ubelaker, 1994) ou variantes epigenéticos (Berry e Searle, 1963, *apud* Buikstra e Ubelaker, 1994) constituem a variação não métrica que se pode observar nos ossos e nos dentes. Estes caracteres morfológicos de pequena variação descontínua dividem-se em quatro categorias: variação numérica dos ossos, variação dos *foramina*, variações hiperostóticas e variações numéricas dos dentes (Buikstra e Ubelaker, 1994). Estas variações não métricas diferem no formato, no tamanho e no número de cúspides, raízes, tubérculos, processos, *foramina* e facetas articulares, entre outros (Tyrrell, 2000; White, 2000).

Obedecem à lei do tudo ou nada — presença ou ausência — variando a sua frequência entre populações (Saunders, 1989; Tyrrell, 2000; White, 2000) o que permite individualizar no seio de uma população subgrupos de indivíduos que possuem um ou mais destes caracteres (Crubézy, 1992).

Os caracteres discretos apresentam a vantagem de poderem ser observados em material fragmentado visto ocuparem uma área reduzida do osso (Buikstra e Ubelaker, 1994; Saunders, 1978).

Em muitos destes caracteres existe uma forte componente genética. Por outro lado o seu desenvolvimento pode também ser influenciado pelo meio ambiente e por certas práticas culturais (Finnegan e Rubson, 1984, *apud* Galera, 1989; Tyrrell, 2000), pelo que a maioria dos caracteres não métricos resultam da interacção contínua e inextricável de factores intrínsecos e extrínsecos (Crubézy, 1988). A variação não métrica pode ser a expressão da interacção do genótipo com o meio ambiente (Crubézy e Sellier, 1990). A sua observação pode permitir analisar a distância biológica das populações e demonstrar que a organização de uma necrópole não é aleatória (Crubézy, 1992), possibilitando a descoberta de zonas de enterramentos familiares num espaço sepulcral (Cunha, 1996).

6.3.1. Metodologia

O critério para a selecção dos caracteres não métricos do esqueleto craniano e pós-craniano teve em conta a escolha daqueles que mais se adequavam ao conjunto osteológico estudado.

Dos cerca de 200 caracteres discretos descritos para o crânio (Hauser e De Stefano, 1989) apenas foram investigados 16 (Tabela 14), entre os quais três caracteres mandibulares. Para o esqueleto pós-craniano seleccionaram-se 25 caracteres Finnegan (1978) (Tabela 15). Foram ainda analisadas as hipoplasias circulares nos dentes denominadas por *foramina caecum* (Capasso e Tota, 1992).

Aquando da observação dos ossículos supranumerários do crânio apenas foram contabilizadas as regiões inteiras que não levantassem dúvidas de pertencer ao mesmo indivíduo.

TABELA 14

Caracteres discretos seleccionados para o esqueleto craniano (Hauser e De Stefano, 1989).

| Caracteres discretos do esqueleto craniano | |
|--|---------------------------------|
| Crânio | Mandíbula |
| Sutura metópica | <i>Torus mandibular</i> |
| Sutura supranasal | <i>Foramina mentalia</i> duplos |
| <i>Foramina</i> parietais ausentes | Ponte mielohióide |
| <i>Foramina</i> supraorbitais acessórios | |
| <i>Foramina</i> infraorbitais acessórios | |
| Osso sutural coronal | |
| Osso sutural sagital | |
| Osso sutural lambdóide | |
| <i>Ossiculum</i> no <i>bregma</i> | |
| <i>Ossiculum</i> no <i>lambda</i> | |
| <i>Ossiculum</i> no <i>asterion</i> | |
| <i>Ossiculum</i> no <i>pterion</i> | |
| <i>Torus</i> palatino | |

TABELA 15

Seleção dos caracteres discretos para o esqueleto pós-craniano (Finnegan, 1978).

| Caracter discreto | Localização |
|---|--------------|
| Faceta do atlas (dupla) | Atlas |
| Ponte posterior | Atlas |
| Ponte lateral | Atlas |
| Perfuração do nervo supraclavicular | Clavícula |
| Fossa rombóide | Clavícula |
| Processo supracondilóide | Úmero |
| Abertura septal | Úmero |
| Prega acetabular | Osso coxal |
| Fossa de Allen | Fémur |
| Faceta de Poirier | Fémur |
| Placa | Fémur |
| Terceiro trocanter | Fémur |
| Fossa hipotrocanteriana | Fémur |
| Exostose na fossa trocanteriana | Fémur |
| <i>Patella emarginata</i> | Rótula |
| <i>Vastus</i> notch | Rótula |
| Faceta lateral de agachamento da tibia | Tíbia |
| Faceta medial de agachamento da tibia | Tíbia |
| <i>Os trigonium</i> | <i>Talus</i> |
| Faceta medial do <i>talus</i> | <i>Talus</i> |
| Extensão talar lateral | <i>Talus</i> |
| Superfície articular inferior talar (dupla) | <i>Talus</i> |
| Faceta anterior do calcâneo dupla | Calcâneo |
| Faceta anterior do calcâneo ausente | Calcâneo |
| Tubérculo peronial | Calcâneo |

6.3.2. Resultados e discussão

Os resultados da análise dos caracteres não métricos do esqueleto craniano podem ser analisados na Tabela 16. A persistência da sutura supranasal e a presença de ossículos sobre as suturas sagital e lambdóide são os caracteres mais frequentes. Já os ossículos sobre o *bregma* estão ausentes. A presença de sutura metópica e de ossículos sobre o *lambda* são raros. Os caracteres não métricos dos maxilares apresentam uma frequência reduzida. Não foram observadas diferenças significativas entre a presença de caracteres nos lados direito e esquerdo do crânio e da mandíbula. Nas Figs. 20 e 21 apresentam-se duas situações de ossículos supranumerários cranianos.

TABELA 16

Frequência de caracteres discretos cranianos.

| Caracter discreto | N | Lado direito | Lado esquerdo | % |
|-----------------------------|--------|--------------|---------------|-------|
| Sutura metópica | 1/43 | — | — | 2,32 |
| Sutura supranasal | 21/50 | — | — | 42,00 |
| Foramina supraorbitais | 24/97 | 11/47 | 13/50 | 24,74 |
| Foramina infraorbitais | 32/99 | 14/45 | 18/54 | 32,32 |
| Foramina parietais ausentes | 23/74 | 10/33 | 13/41 | 31,08 |
| Osso sutural coronal | 11/31 | 5/16 | 6/15 | 35,48 |
| Osso sutural sagital | 9/22 | — | — | 40,91 |
| Osso sutural lambdóide | 27/56 | 14/26 | 13/30 | 48,21 |
| Ossiculum no bregma | 0/28 | — | — | 0 |
| Ossiculum no lambda | 2/33 | — | — | 6,06 |
| Ossiculum no asterion | 1/8 | 0/4 | 1/4 | 12,50 |
| Ossiculum no pterion | 1/6 | 0/3 | 1/3 | 16,67 |
| Sutura escamomastóideia | 32/115 | 15/53 | 17/62 | 27,83 |
| Torus palatino | 0/11 | 0/4 | 0/7 | 0 |
| Torus mandibular | 0/58 | 1/26 | 0/32 | 1,72 |
| Foramina mentalia duplos | 3/66 | 1/30 | 2/36 | 4,54 |
| Ponte mielohióide | 0/24 | 0/9 | 0/15 | 0 |

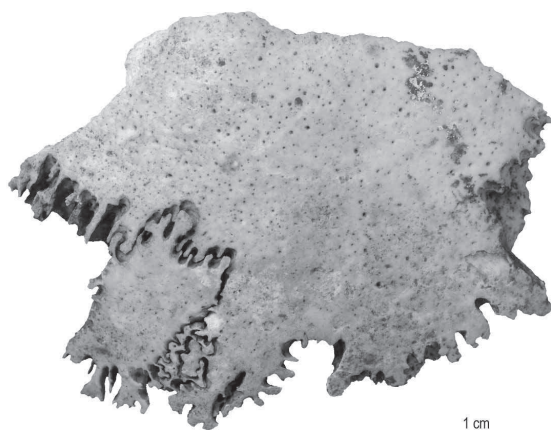


FIG. 20 – Ossículo sobre a sutura lambdóide.

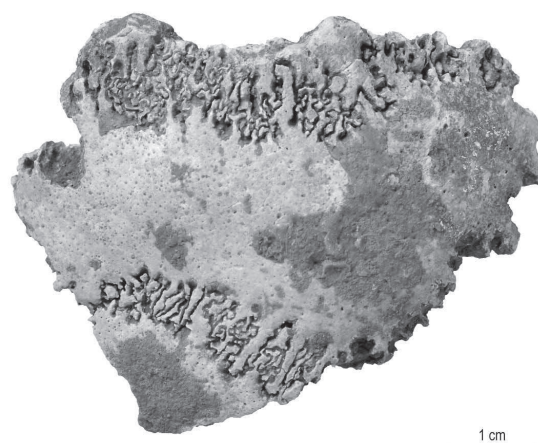


FIG. 21 – Ossículo supranumerário craniano.

Na Tabela 17 são apresentados os resultados da análise dos caracteres discretos do esqueleto pós-craniano. Os caracteres mais representativos são a fossa hipotrocantérica e o 3.º trocanter do fêmur e o tubérculo peroneal no calcâneo. Finnegan (1978) sugere que existe uma relação positiva entre a presença de fossa hipotrocantérica e a de 3.º trocanter. Não sendo observadas diferenças significativas na presença de caracteres discretos quando se atendeu à lateralidade dos ossos do esqueleto pós-craniano. Na Fig. 22 pode observar-se um carácter hipostótico na extremidade distal de um úmero direito.

TABELA 17

Resultados da análise dos caracteres discretos para o esqueleto pós-craniano.

| Caracter discreto | Lado direito | Ossos ímpar | Lado esquerdo | % |
|---|--------------|-------------|---------------|-------|
| Facetas duplas do atlas | — | 3/12 | — | 25,00 |
| Ponte posterior do atlas | — | 1/12 | — | 8,33 |
| Ponte lateral do atlas | — | 0/9 | — | 0 |
| Fossa rombóide | 3/22 | — | 3/16 | 15,79 |
| Perfuração do nervo supraclavicular | 0/26 | — | 1/26 | 1,92 |
| Processo supracondilóide | 0/65 | — | 0/52 | 0 |
| Abertura septal | 3/41 | — | 3/44 | 7,05 |
| Prega acetabular | 1/8 | — | 0/9 | 5,88 |
| Fossa de Allen | 0/18 | — | 1/13 | 3,22 |
| Faceta de Poirier | 2/18 | — | 0/12 | 6,67 |
| Placa | 1/19 | — | 0/12 | 3,22 |
| Terceiro trocanter | 8/21 | — | 5/21 | 30,95 |
| Fossa hipotrocantérica | 10/22 | — | 18/38 | 46,67 |
| Exostose na fossa trocantérica | 0/15 | — | 0/7 | 0 |
| Faceta lateral de agachamento da tibia | 3/10 | — | 5/17 | 29,63 |
| Faceta medial de agachamento da tibia | 0/10 | — | 2/17 | 7,41 |
| <i>Patella emarginata</i> | 0/12 | — | 0/11 | 0 |
| <i>Vastus notch</i> | 2/12 | — | 2/11 | 17,39 |
| Facetas duplas do calcâneo | 15/48 | — | 12/42 | 30,00 |
| Ausência de faceta | 6/48 | — | 3/42 | 10,00 |
| Tubérculo peroneal | 15/34 | — | 13/30 | 43,75 |
| <i>Os trigonium</i> | 0/59 | — | 0/46 | 0 |
| Faceta medial do talus | 0/54 | — | 0/45 | 0 |
| Extensão talar lateral | 0/58 | — | 0/47 | 0 |
| Superfície articular inferior talar (dupla) | 8/54 | — | 5/40 | 13,83 |

Observou-se ainda a presença de *foramen caecum* nos dentes molares. Os *foramina caecum* são caracteres discretos que estão presentes nos dentes, principalmente nos molares inferiores. Podem localizar-se sobre um ou mais dentes ou podem ser observados numa série de molares, uni ou bilateralmente. Caracterizam-se por orifícios cónicos, profundos, na base do vinco da coroa entre o protocónido e hipocónido. Estes buracos hipoplásticos desenvolvem-se nas superfícies bucais e anteriores dos dentes (Capasso e Tota, 1992).

Tecnicamente estas formas de deposição de esmalte anormal podem ser classificadas por hipoplasias, mas não é claro que elas partilhem a mesma etiologia das hipoplasias lineares do esmalte dentário (Capasso e Tota, 1992; Schwartz, 1995).

São definidas como a agénese local e circunscrita do esmalte dentário. Os estudos epidemiológicos revelam que a frequência de ocorrência de *foramen caecum* é muito rara, particularmente em populações antigas (Capasso e Tota, 1992).

São registados *foramina caecum* em três fragmentos de mandíbula. A mandíbula 233.1890 apresenta este carácter no 1.º molar direito e nos 1.º e 2.º molares esquerdos. O 2.º molar esquerdo do fragmento de osso mandibular 233.1894 ostenta este carácter. Por último, a mandíbula 233.1915 (Fig. 23) evidencia-os em todos os molares esquerdos.



FIG. 22 – Abertura septal no úmero direito 233.1247.



FIG. 23 – *Foramina caecum* nos molares esquerdos da mandíbula 233.1915.